

Você Pode Falar com Deus

PEDRO SIQUEIRA

# Você Pode Falar com Deus

Adaptação de:  
*Ana Rita Silva*

*Pergaminho*

## PARTE I

### *Introdução*

Conduzo, há muitos anos, um grupo de orações católico que tem por foco principal a devoção mariana do rosário. Durante as reuniões, com base em dons espirituais, transmito revelações do Espírito Santo, falo sobre as coisas que vejo no mundo espiritual e sobre mensagens de Nossa Senhora, de alguns santos e anjos. Essa peculiaridade mística fez com que, com o passar do tempo, o número de participantes crescesse bastante, atraindo, inclusive, a curiosidade dos meios de comunicação.

Naturalmente, surgiram diversas indagações por parte dos fiéis, pois percebem que, nos momentos em que rezam o terço comigo, se inserem numa atmosfera diferente de tudo o que já experimentaram. Costumam dizer-me que, ao sair dos nossos encontros, se sentem amados por Deus, com uma espécie de alívio no coração e na alma. É algo palpável, que podem sentir na pele.

Segundo os relatos, não se trata apenas de sensações físicas ou metafísicas: vários pedidos feitos nas reuniões são atendidos por Deus, relativos a curas, emprego, casamento, vida financeira, entre outros. Constantemente, sou bombardeado com perguntas: Como é que isto acontece? Porque é possível, naquele instante de fé, sentir tal paz, algo tão forte

e envolvente? Seria viável que as pessoas, no dia-a-dia, tivessem acesso a tal força?

Os participantes começaram a reivindicar de mim uma fórmula para se atingir, nas mais diversas situações, esse estado de graça. Nos últimos anos, no Rio de Janeiro, em São Paulo, João Pessoa, Belém, Manaus e outras cidades onde conduzo encontros de oração do terço, têm-me exigido incisivamente a escrita de um livro que os auxilie no caminho espiritual.

Durante muito tempo, rejeitei essa tarefa. Tinha-me mentalizado de que as pessoas poderiam encontrar por si próprias caminhos para terem um canal com Deus, para lhe apresentarem as suas necessidades. O meu pensamento inicial era de que as reuniões orientadas por mim iriam somar-se às orações diárias de cada um e especialmente à Santa Missa, e seriam o suficiente para produzir um efeito benéfico nos corpos espirituais dos interessados. Todos teriam condições para enfrentar as batalhas diárias com vigor, pois estariam a cultivar a semente da espiritualidade no coração de acordo com as próprias inspirações.

Além do mais, do meu ponto de vista, uma abordagem abrangente do mundo espiritual por meio de um livro levaria muito tempo para ser arquitetada e é algo que eu não gostaria de fazer à pressa. Uma obra como a que me pediam provavelmente seria demasiado volumosa, o que, tenho a certeza, desencorajaria a maioria das pessoas da sua leitura. Essa, portanto, não me parecia ser a melhor solução.

Um dia, estava a ler um livro sobre o silêncio na oração e percebi que a minha atitude não era positiva: não devia negar um texto sobre o ministério que exerço ao grande número de pessoas que, ao longo de tantos anos, vem

acompanhando a minha missão. Nesse preciso momento, ao procurar auxílio para questões pessoais, valia-me eu próprio dos ensinamentos espirituais de alguém que tinha dedicado um bom tempo da sua vida a elaborar um escrito de qualidade.

Aliás, muitos têm por hábito, durante os momentos de dificuldade, apoiarem-se em bons livros. Autores como o monge do deserto Thomas Merton, o frade franciscano Raniero Cantalamessa, a madre Santa Teresa de Jesus e diversos outros foram fundamentais para confortar o meu coração. Porque não fazer o mesmo por aqueles que me pediam ajuda?

Refletindo mais profundamente, concluí que, na verdade, não queria expor-me mais do que já vinha fazendo no exercício do meu serviço espiritual. Havia, ainda, outro ponto importante: a falta de tempo para desenvolver um trabalho destes (escrever livros é uma tarefa que exige muito!).

Em 2008, fiz uma breve peregrinação com a minha mulher ao santuário mariano de Fátima, em Portugal. Com o sol da manhã a brilhar forte no belíssimo céu azul de primavera, iniciámos a nossa oração em frente à capela da Cova da Iria, onde, a 13 de maio de 1917, Nossa Senhora do Rosário – hoje chamada pelo povo de Nossa Senhora de Fátima – apareceu a três crianças que pastoreavam um pequeno rebanho de ovelhas: Lúcia, Jacinta e Francisco. Apresentámos as nossas intenções à Virgem Maria e partimos em direção a Valinhos, onde a Mãe de Jesus fez uma das Suas aparições. Lá, faríamos a Via-Sacra, meditando sobre a Paixão de Cristo.

Durante o trajeto de aproximadamente um quilómetro até ao bosque, caminhávamos rezando os mistérios gozosos

do rosário, que tratam da infância de Jesus. De repente, tive uma visão: a Virgem Santíssima Maria apareceu acima das nossas cabeças vestida de azul-claro, cintilante como o sol. Fiquei surpreso por aquilo acontecer numa estrada de terra batida, sem nenhum significado especial. Resolvi calar-me e esperar para ver o que Ela queria de mim.

Direta e simples como sempre, Ela disse-me que, após quinze anos de missão, estava na altura de eu escrever sobre as minhas experiências místicas, porque isso auxiliaria muitas pessoas em busca do caminho da espiritualidade. Dado o recado, desapareceu. Passados uns minutos, comentei o facto com a minha mulher, que ficou muito preocupada.

– Nós já estamos tão expostos por causa dos teus dons, não acho uma boa ideia escreveres sobre mística. Vais chamar mais a atenção e ser mais visado do que já és.

Compreendendo muito bem o ponto de vista dela, acenei-lhe com a cabeça e garanti que pensaria com calma.

A discussão ficou adormecida até ao ano seguinte, uma vez que Nossa Senhora não me voltou a falar em relatar as minhas visões. Por outro lado, eu estava bastante desconfortável com a questão. No fundo, seria bem melhor permanecer no ponto em que me encontrava. Havia demasiada gente ao meu redor que me considerava um importante canal de comunicação com o mundo espiritual – algo que nunca fui nem serei!

Em 2009, a minha avó materna quis dar-me a mim e à minha mulher um significativo presente de aniversário, já que comemoramos as datas com apenas três dias de diferença, e sugeriu uma viagem. Enquanto decidíamos aonde ir, frei Juan António pediu que fôssemos ter com ele ao santuário de Fátima. Ele é o meu orientador espiritual, um frade agostiniano recoleto, espanhol naturalizado brasileiro

(como gosta de dizer, paraense), e queria que fizéssemos um retiro juntos. E assim estava determinado o nosso rumo.

Logo no primeiro dia, enquanto caminhávamos na mesma estrada de terra batida em direção a Valinhos, para meditar-mos a Via-Sacra, a Virgem Maria apareceu no céu diante dos meus olhos, vestindo de amarelo e branco. E insistiu de novo no projeto dos livros.

Nesse momento, as minhas feições devem ter-se transformado, pois frei Juan António apercebeu-se de algo sobrenatural e questionou-me:

– *Qué pasa, hombre?* O que estás a ver? É a Virgem?

Fiquei atrapalhado e respondi:

– Sim, frei, é Ela própria.

– Mas deve estar a querer algo especial, porque fala conosco sempre lá em cima, no bosque, diante da Sua imagem... – provocou ele, curioso.

O lugar a que o frade se referia era o belo oratório do bosque que marca a aparição de Nossa Senhora do Rosário aos três pastorinhos a 19 de agosto de 1917. Como não queria mencionar-lhe a questão dos livros, limitei-me a sorrir. A minha mulher olhou-me profundamente, reprovando o meu comportamento, à espera que eu desse uma resposta clara ao sacerdote.

– Não podes deixar-nos no escuro. Se Deus nos trouxe juntos para aqui, para estarmos com Ele, tens de partilhar tudo o que se passa durante o nosso retiro – avisou frei Juan António, com toda a razão.

Após mais alguns passos, resolvi contar:

– Ela quer que eu escreva a respeito das minhas experiências espirituais. Quer que eu fale sobre as coisas que tenho visto e ouvido, vindas do mundo espiritual.

– Vai ser excelente! – vibrou o frade, alegre. – Escreve sobre assuntos que possam edificar a vida das pessoas. Respondeste «sim» ao chamamento de Maria, não foi?

– Não, frei, não dei nenhuma resposta e Ela já se foi embora.

– Não pode ser assim, *hombre!* Que coisa! Ela tem-nos dado tantos presentes, graças enormes nas nossas vidas, e tens a coragem de Lhe recusar um pedido?

O frade estava visivelmente dececionado. A minha mulher, silenciosa como é costume, olhava-me preocupada.

– Calma, *hombre!* Tenho bastante tempo para dar a resposta – retorqui. – Ela ainda vai aparecer no bosque, como sempre fez. Vou pensando até lá, certo?

– Não! O chamamento de Maria deve ser atendido de imediato. Sempre! Mas vamos rezando para que Deus te abra o coração – disse o frade, contrariado.

Penetrámos no bosque e, na terceira estação da Via-Sacra, o meu anjo da guarda apareceu a segurar uma coleção de livros que brilhavam com uma luz verde, da mesma cor da sua túnica e dos seus olhos e cabelos. Como todos os seres angélicos, ele tem um nome, mas não tenho permissão para o mencionar aqui. Assim, quando for citá-lo, nas próximas páginas, chamá-lo-ei de «I.». Telepaticamente, ele disse-me:

– Cumpre a tua missão. Isto que trago nas mãos faz parte dela. Tem confiança e escreve da forma que melhor te aprouver, desde que sejas fiel àquilo que experimentas através dos teus dons.

Preferi não dar resposta. No fim da Via-Sacra, contudo, veio-me uma luz: poderia começar a escrever um livro de ficção, pois não chamaria tanto a atenção, e as pessoas

ficariam na dúvida se o que eu narrava era verdadeiro ou fruto da minha imaginação (artifícios para conseguir uma boa história).

Se o escrito tivesse boa aceitação, poderia pensar em elaborar outros livros, de não ficção, abordando de forma direta temas do mundo espiritual. Começaria devagar, expondo um pouco da minha história e experiência nesse âmbito.

No fim do retiro, perante a insistência de frei Juan Antônio, resolvi dizer sim à Virgem Maria, ao meu anjo da guarda e, conseqüentemente, a todas as pessoas que compunham, nas diversas cidades, o meu grupo de oração do terço. Voltei ao Brasil e continuei a conduzir o encontro do terço. A questão dos livros permaneceu na minha mente, como uma pequenina semente. Durante algum tempo, não pus a mão na massa.

No segundo semestre de 2010, à saída de uma das reuniões, deparei com uma mulher, N., que já frequentava o grupo havia muito tempo.

– Pedro, sempre que venho aqui rezar, sinto uma força a envolver o meu corpo por inteiro, uma energia intensa. O meu peito e rosto ficam a escaldar. Isto é normal?

Respondi que sim, pois, quando estamos reunidos, forma-se sobre as nossas cabeças uma grande luz dourada, muito densa, que se espalha por todo o teto e paredes da igreja e que desce sobre as pessoas que aí se encontram. Nesses momentos, a presença do Espírito Santo é bem palpável.

N. continuou:

– Pois é... No outro dia estava a rezar o terço sozinha, em casa, e senti a mesma coisa. Fiquei muito emocionada, até chorei! O problema é que não sei como fazer isso acontecer

de novo. Gostaria muito que se repetisse, porque, ao passar pela experiência com aquela força, sei que Deus está comigo. Preciso de ter essa sensação mais vezes, diga-me como!

Não tinha uma resposta satisfatória para dar àquela senhora. Expliquei que uma oração profunda requer um enorme trabalho e não poderia ser pormenorizada em poucos minutos, no pátio de uma igreja. N., então, sugeriu:

– Pedro, siga o exemplo dos que acumularam conhecimento sobre algum assunto espiritual e procuraram transmiti-lo aos outros. Partilhe o que você sabe através de livros. Assim, muitas pessoas poderão ter acesso às suas explicações. Não seria bom? Não ficaria Deus satisfeito consigo?

Aquele discurso despertou-me para o facto de que eu não estava a cumprir o que tinha prometido à Maria Santíssima, a I., e ao frei Juan António. Podia até ouvir a voz de barítono do frade: «E os livros? Já escreveste alguma coisa? Quero ler!»

Além disso, havia um facto curioso e triste que reforçava a ideia da importância de um texto para levar as pessoas a uma vida de intimidade com Deus: muitos dos participantes nas reuniões só se dedicavam à oração uma vez por mês, exactamente no dia do grupo do terço! Eles alegavam que era ali, na perceptível presença do Altíssimo, que se sentiam acolhidos e que tinham segurança para entregar a Deus os seus pedidos. Perante esse argumento, eu precisava de tomar uma decisão.

Queria vê-los com a mesma confiança manifestada durante os encontros comigo. Desejava que, no dia-a-dia, eles pudessem sentir a presença e o amor do Criador. Um livro poderia servir de mola propulsora.

Levei em consideração também a situação dos que moram longe dos locais onde me reúno ou que não têm como se deslocar até eles. Através do meu perfil do Facebook, costumam pedir-me auxílio espiritual para os mais diversos casos, procurando formas de enfrentar os seus problemas.

Em 2011, resolvi pôr um ponto final à inércia e publiquei o meu primeiro livro, mantendo firme a ideia de que fosse um romance. Como a aceitação foi boa, em dezembro de 2012 lancei outro de ficção. Então, começou a acontecer algo interessante: grande parte dos meus leitores, durante as tardes ou noites de autógrafos, passou a exigir-me uma obra sobre a minha vida, a prática da oração pessoal e, principalmente, os anjos!

Depois de refletir muito, cheguei à conclusão de que era altura de atender aos meus leitores por meio de um escrito simples, com a minha história e algumas experiências minhas e de outras pessoas no caminho da espiritualidade. Pensei ser importante também acrescentar algumas palavras sobre a minha relação com a oração. Assim, configurou-se este livro.

No decorrer de uma sessão de autógrafos em São Paulo, fui abordado por uma mulher envolvida na Renovação Carismática Católica há mais de quinze anos. Muito gentil, presenteou-me com um livro sobre a vida de uma beata mística e disse:

– Pedro, nós carismáticos, que já fizemos uma caminhada longa e temos uma certa intimidade com os dons do Espírito Santo, gostaríamos que você dedicasse um livro aos temas místicos. Gostaríamos de algo que pudesse enriquecer a nossa experiência.

Revelei-lhe que já pensava nisso havia algum tempo e que tentava apresentar um texto que englobasse os interesses tanto dos neófitos no caminho espiritual como dos doutorados no assunto. Apesar da dificuldade da empreitada, prometi esforçar-me pela causa. Talvez este livro consiga cumprir esse papel – sem grandes pretensões, é claro! –, fornecendo elementos de estudo para os que há tantos anos conversam com o Pai Celestial.

Quanto aos que estão afastados de Deus, pode ser que esta leitura lhes traga algo de positivo. Terão em mãos um breve guia, que traz alguns princípios místicos, para refletirem sobre os mais diversos assuntos do quotidiano. Quem sabe esta obra lhes dará um novo ânimo que lhes permita iniciarem-se no exercício espiritual...

Para ilustrar os princípios sobre os quais discorro, conto com exemplos verídicos, retirados da minha vida e da vida de pessoas com quem convivi nestes vinte anos do grupo do terço. A única providência que tomei foi não divulgar os seus nomes, pois não acho de bom-tom expor a privacidade delas. Procurei citar, ainda, passagens bíblicas, para dar fundamento à teoria.

Procurei impor uma redação ágil ao texto, não permitindo que ficasse demasiado extenso, pois sei que muitas pessoas não gostam de se embrenhar em livros grossos. O resultado é uma obra de leitura rápida, para ser aberta em qualquer lugar ou ocasião. As suas páginas não nos ocupam demasiado tempo e, assim, creio que podem incentivar uma vida de oração diária.

Este livro foi concebido para todos, independentemente de crença, raça, sexo ou idade. A minha intenção inicial é a de que as pessoas se aproximem cada vez mais de Deus.

Sejam *amigas* de Deus! Que o nosso Criador abençoe aqueles que puserem em prática o conteúdo das páginas que se seguem com amor, perseverança, fé e gratidão!

Que as palavras do apóstolo de Cristo, São Tiago, na sua carta (capítulo 1, versículo 22) sirvam de guia para os leitores: «Mas tendes de a pôr em prática [a Palavra] e não apenas ouvi-la, enganando-vos a vós mesmos.»